

Sonhar Acordado

Todo dia Alice checava se o seu peixinho estava vivo. Acordava alarmada e saía aos trôpegos pelo quarto, em um estado semi acordado, as pálpebras pesadas tentando enxergar pelo fino vidro do aquário a forma escura de seu peixe. Suspirava de alívio, o ar saindo pesado de sentimentos a cada vez que via o peixinho a encarando de volta, movendo-se levemente pelos ínfimos centímetros de seu lar.

Toda noite era assim. Seus sonhos se misturavam com um medo real, onde acordaria e seu peixinho estaria duro e morto, afundado no chão, misturando-se com as pedrinhas coloridas do aquário, longe do baú de plástico que o decorava e onde ele sempre dormia. Em seus sonhos, o peixinho nunca conseguia chegar ao baú e dormir, morria no meio do caminho, sem motivo nenhum. Como se tivesse cansado daquela monótona vida e decidisse dormir pra sempre ali, no meio do fundo das águas. Em seus sonhos, não era por conta do excesso de carbono na água, ou pela falta das comidas em formas de pequenas bolinhas. Em seus sonhos, não havia porquês ou razões, o peixe simplesmente escolhia morrer, a aceitação do que se poderia ser e viver finalmente o atingindo e isso era o que mais a aterrorizava.

Alice sabia que um dia iria acontecer. Ao ver a pequenez, a fragilidade do peixinho soube instantaneamente que seria seu, seu para cuidar e depender. A felicidade da posse transbordava de Alice, pelo simples fato de não ser algo e sim alguém. A leve surpresa a espantou um pouco: as coisas nunca eram dela. Era seu primeiro presente que possuía vida e era seu como nada antes havia sido. Ela alimentava-o, limpava seu aquário e observava por horas incansáveis o peixinho indo de um lado pro outro. Às vezes ele parava, imóvel por segundos e Alice corria para bater no aquário com seus dedinhos, mexe, mexe, mexe! A vida do peixinho estava em suas mãos e ela não suportaria se ele morresse. Receava que ela o mataria. Sua mente girava em torno de possibilidades, de excessos e faltas que poderiam levar ao fim da vida de peixinho. Quando os primos iam visitá-la, Alice corria e escondia o aquário no fundo do guarda-roupa, criando poças de água pela casa ao carregar o vidro escorregadio nas mãos. Arrepios preenchiam seus braços ao pensar nos primos vendo o peixinho, as bocas se abrindo de curiosidade, os dedos engordurados tocando no aquário. Iriam querê-lo. E não podiam! Era seu. A questão era o amor, aquele amor demasiado que depende do outro, e Alice dependia do peixinho para existir. E amava-o impossivelmente.

O ar cheirando a um chocolate levemente queimado denunciava os ares de festa de sua casa. Hoje era o aniversário de sua mãe e os familiares se amontoavam entre comidas e fofocas com a desculpa de celebração. Como tradição, todos os primos viriam, enchendo a vida de Alice de toques não autorizados, choros irremediáveis e brincadeiras mal comedidas. Alice podia ouvir sua mãe realizando movimentos repetitivos circulares com as mãos, estas lambuzadas de manteiga, dando forma e vida aos brigadeiros. Alice amava brigadeiro. E assim como um alvo a ser atingido, um som estridente tirou Alice de seu devaneio. A mãe parou as mãos ágeis para responder o interfone.

A tia Júlia chegou mais cedo para ajudar, e levava o primo Leo.

O coração de Alice batia incontrolavelmente, pulava certas batidas e repetia outras, descontrolado e pesado. Não cabia ali, se transportando por todo seu corpo até que Alice fosse só coração. Louca e sem razão. Faltava uma hora pra festa começar! Então, com a mesma sensação de desespero que

corria todo dia para conferir a vida de seu bem mais precioso, Alice correu pela casa para esconder o aquário. *O Léo não podia ver, o Léo não podia ver, o Léo não podia ver.* Pegou o vidro grande demais para suas pequenas mãos e correu rápido demais, desesperada demais. A água encharcava a casa e Alice podia ouvir o grito abafado da mãe vindo da cozinha. Tudo que ela imaginava era o Léo chegando, sua presença como uma sombra gigante atrás de cada passo de Alice, representando uma partilha que ela não estava pronta para dar. Abriu a porta com uma das mãos enquanto o aquário se pesava na outra, e quando o peixinho já estava quase seguro, prestes a ficar escondido da vista de tudo e de todos, o aquário escorregou da mão de Alice.

O vidro se estilhaçou em infinito pedaços brilhantes por todo quarto. O baú foi parar no pé da cama de Alice e a água correu em um movimento lento pelo azulejo branco do chão, tomando posse das saliências dos relevos irregulares. Alice ajoelhou-se e não viu o peixinho em lugar nenhum. As mãos tremiam, as pernas tremiam, tudo tremia. Seu peixinho, onde estava? Procurando entre os pedaços reluzentes no chão, avistou o peixe debaixo de sua cama. O corpinho reverberava de agitações, buscando, buscando... Alice correu para debaixo da cama, mas seus braços eram curtos demais e não o alcançavam. Mudou de ângulo, de posição, gritou, chorou pela mãe, pelo pai, por qualquer um. Chorou convulsivamente porque aceitou chorar, o fim já anunciado. Seus músculos rígidos esticavam-se a exaustão até finalmente tocarem no corpo escorregadio do peixinho. E Alice, tão pequena e tão nova chegou a constatação de que havia chegado ela, a mais óbvia e triste das sensações, a morte. A mãe, com as mãos ainda sujas de enrolar brigadeiro, pegou o peixinho e o colocou de novo no aquário. Alice viu passar por seus olhos a mesma cena repetida mil vezes, em mil sonhos, mas sempre igual. O corpo do peixinho tornou-se pedra, o silêncio intensificando-se no afundar, naufragando de si, descendo lentamente até o fundo do aquário, até não se conseguir distinguir o que já foi vivo e o que não foi.

LLF - 0046874